

d,

SATYRAS

EPIGRAMMAS E OUTRAS POESIAS

PELO PADRE

JOSÉ JOAQUIM CORRÉA DE ALMEIDA

NATURAL DA CIDADE DE BARBACENA, PROVINCIA DE MINAS GERAES.

OFFERECIDAS A SEU AMIGO

O DESEMBARGADOR PEDRO DE ALCANTARA CERQUEIRA LEITE.

Tu dás golpes nos costumes,
E cuidão que é nas pessoas.

(NICOLÁO TOLENTINO.)



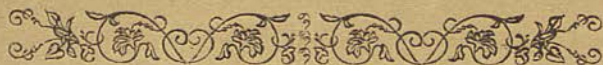
RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

1862



PROGRAMMA

I

Para que ninguem accuse-me
De ignorancia dos estilos,
Para que não vão feri-los
Os meus versos rebellões,
Dou meu programma poetico,
Previno interpellações.

II

O bom systema das camaras
Assaz convém que se adopte,
Mostrando não ser *peixote*
Na *giria* parlamentar,
Diga o vate despropositos,
E faça castellos no ar.

III

Aqui termino o preambulo,
 E passo a tratar do assumpto ;
 Se mel pelos beiços lhe unto,
 O leitor deve-me ouvir
 Com essa paciencia *jobica*,
 E sem tugar nem mugir.

IV

Sou de memoria fraquissima,
 Não me prêzo de erudito ;
 O periodo mais bonito
 Não poderei plagiar,
 Nem o auxilio da mnemonica
 Me habilita a decorar.

V

Apenas o breve adagio
 De espaço a espaço contemplo,
 Como seja, por exemplo,
 — *Cá e lá más fadas ha.* —
 Tambem aprecio as maximas
 Do marquez de Maricá.

VI

Se, portanto, sou laconico,
 Um motivo me constrange;
 Minha idéa não abrange
 As materias de extensão,
 Sómente as de curto folego,
 Sem character de sermão.

VII

Do latino magisterio,
 Onde expio os meus peccados,
 Tiro poucos resultados,
 O que me afflige e me dõe;
 Ôlho para os livros classicos,
 Qual para palacio o boi.

VIII

Cada dia controversias,
 E nova difficuldade
 Comprovão a realidade
 Do negativo saber;
 Vou ensinando aos discipulos
 O que inda não pude aprender.

IX

O systema *castro-topico*
 Deixou-me o queixo caído,
 Ou, antes, perdi o sentido
 Ficando fóra de mim,
 Quando soube que era *Kikero*,
 E não *Cicero* em latim.

X

Na theoria, na pratica
 Quanta incerteza apparece?
 Quem diria que tivesse
 Sempré o—C—o som de —K—?!
 A respeito de minucias
 Quanto equivoco não ha?

XI

Que á vista do auctor da Iliada
Os vates erão pequenos,
Ou de merito somenos,
Dizia Horacio mordaz ;
Mas applaude Sapho e Pindaro,
E Anacreonte lhe apraz.

XII

Aproveito o corollario,
E posso affimar que os vates
Têm seus diversos quilates,
Ou differença de grãos ;
Se alguns não passam por optimos,
Tambem não passam por máos.

XIII

Se o mencionado satyrico,
Que, por logico e prudente,
Não soffre de incoherente
A menor imputação,
Quer que aos poetas mediocres
Não se faça concessão,

XIV

Emquanto o rigor da critica
Não inventa qualquer mola,
Nem nos impõe a bitola,
Padrão, matricula, ou rol,
Canto nos côros unisonos
Do, re, mi, re, mi, fa, sol.

XV

Uns poetas sacchariferos
Apurão tanta doçura,
Que se tornão rapadura
Os seus versos de primor,
E os refinados epithetos
Só os corrompe o bolor.

XVI

Parece-me que seus viveres
São o nectar e ambrosia,
Que um Ganymedes traria,
Sonegados lá do céu,
No bolsiculo da gondola,
Ou na cópa do chapéu.

XVII

Da mais flórida rhetorica
O delicioso perfume
Por bem do olfato resume
Exhalações de jardim
Onde vegetão anemolas,
Violetas, e jasmim.

XVIII

Tudo nelles é fragrancia,
Tudo fragrancia de rosa
Purpurea, bella, mimosa,
E (sem ser homem) gentil,
Qual *papa-cêa* na abobada,
Qual estrella em céu de anil.

XIX

Remédão solfejo ou musica
 Seu cadente metro e rima,
 Do bordão até a prima,
 Da prima para o bordão
 São as escalas chromaticas
 De perfeita exactidão.

XX

Não imito, não sou emulo
 De tão cadenciosos bardos ;
 Os meus versos são bastardos,
 E os delles são de alfenim ;
 Se tangem lyra Apollinea,
 Não succede tanto a mim .

XXI

Nos epigrammas, nas satyras
 Attendo mais ao conceito,
 E muitas vezes acceito
 Medida pouco feliz,
 Se a palavra tem o prestimo
 De explicar o quanto eu quiz.

XXII

Afóra os taes panegyricos,
 E incensos á queima-roupa ;
 De applaudir alheia sopa
 Afóra esse exemplo máo,
 Eu tenho inveja do ironico
 E chistoso *Nicoláo*.

XXIII

Respirando os ares limpídos,
 A viração mais amena
 Da liberal Barbacena,
 Onde resido e nasci,
 Da côrte os brasões heraldicos
 Desconheço, nunca os vi.

XXIV

É por isso que o thuribulo
 Me produz o susto, o medo
 De se queimar algum dedo
 De alguma de minhas mãos;
 Se os ductos não offereço-lhes,
 Perdõem-me os cortezãos.

XXV

Se ao padre, ao letrado, ao medico
 Applico a moralidade,
 Não é por inimizade,
 O meu fim é corrigir;
 E, quando emprêgo o ridiculo,
 É para a gente se rir.

XXVI

Não medra aqui por exotico
 O odio sempre horrivel, fero;
 Dentro do peito sincero
 Inda não lhe dei quartel;
 Por ser o epigramma acidulo,
 Não se diga que é de fel.

XXVII

Tire diploma de estolidô,
 Seja parvo de máo gosto
 Quem nos meus versos desgosto,
 Injuria, offensa encontrar;
 Se nem-uma classe escapa-me,
 Ninguem se deve magoar.

XXVIII

O predomínio dos satrapas,
 O sceptro, o real diadema
 Também me servem de thema;
 Porém, alludindo aos Reis,
 Não entra no meu espirito
 Desrespeitar nossas leis.

XXIX

Os Tiberios e outros despotas,
 Da humanidade flagellos,
 Não encontrão parallellos
 Na terra da Santa Cruz;
 Pois nesta parte da America
 Ha liberdades e luz.

XXX

Perdoai, leitor benevolo,
 Se quando fallo comvosco,
 Algum vocabulo tosco
 Cortezias diminue;
 O trato da vida rustica
 Nos meus escriptos influe.

XXXI

Mas em desconto, sem duvida
 Não achareis uma phrase
 Que vossas faces abrase
 Por motivos de pudor ;
 Nisto, segundo o meu habito,
 Os cuidados hei de pôr.

XXXII

Nem á donzella mais candida,
 Nem á matrona pudica
 O meu verso prejudica
 Offendendo a sãa moral ;
 Se é justo o rigor da analyse,
 Não me argua desse mal.

XXXIII

E que me importa se aos tympanos
 Da censura pudibunda
Saliva palavra immunda
 E indecente pareceu ?
 Quem anda á cata de escandalos
 Faz papel de phariseu.

XXXIV

Nos livros ecclesiasticos,
 Onde a moral é mais pura,
 O homem acha, se procura,
 Similhantes expressões ;
 Nem por isso o texto biblico
 Padece condemnações.





EPISTOLA

Ao Exm. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho

Qui fit, Mæcenas, ut nemo, quam sibi
sortem seu ratio dederit, seu fors ob-
jecerit, illa contentus vivat?...

HORACIO, *Satyra 1ª*, L. 1.º

I

Possuía Horacio Flacco
A razão esclarecida
Quando, em fôrma de cavaco,
Ao bom Mecenas convida
A dizer a causa forte
Do desagrado da sorte.

II

A reflexão é sensata ;
Nasceu do criterio e siso,
E o tempo de hoje inda acata,
Meu Castilho, o prejuizo
De crer-se que outrem reuna
Mil vantagens da fortuna.

III

Ninguem jámais é contente
 Com a sorte que lhe coube ,
 Do proprio estar se resente ,
 Lamenta que se lhe roube,
 Ou que a fortuna lhe negue
 O que seu irmão consegue.

IV

Entretanto a vida alheia,
 Como a nossa, tem tropeço ;
 É trabalhosa e ruim téa,
 Cujos mesquinho e vil preço
 Não compensa no mercado
 O cabedal empregado.

V

Aquelle que exerce o officio
 De lavrar a terra dura,
 Do mercador no exercicio
 Enxerga toda a ventura ;
 Nada vê que onere e aggrave
 Profissão tão boa e suave.

VI

(Diz elle) a covado e vara
 Se troca a fazenda grossa
 Por moeda que então pára
 Na gaveta, onde faz móssa
 Todo o dia, todo o instante
 Este algarismo sonante.

VII

O lavrador não revira
 A outra face da medalha;
 A listrada casimira,
 Comprada á vista, sem falha,
 Dá-se por preço fiado,
 Synonimo de fintado.

VIII

E se algum, por mais experto,
 Cuidoso por que não quebre,
 De character pouco aberto,
 Impinge gato por lebre...
 Ganhe quanto queira, ao cabo
 A alma lhe ganha o diabo.

IX

Os innocentes cabellos
 Puxa o medico aos punhados,
 Não se pondo em parallellos
 C'os mais felizes letrados,
 Que, sem engenho e sem arte,
 Depennão a pobre parte.

X

Elle assim não considera
 Os dissabores que soffre
 O letrado, porque dera
 Plena razão, e de chofre
 Por ter perdido a demanda,
 No bom conceito desanda.

XI

Fazer do torto direito,
Fazer do direito torto,
É mostrar placido leito,
É prestar seguro porto
A quem atravessa os mares
Da vida, cheia de azares.

XII

Porém é trabalho insano
Rever as leis, dar conselhos,
E em modo em nada profano
Curvar á Astréa os joelhos,
Rendendo ocioso culto
A esse vendado vulto.

XIII

Tambem o legisperito
Do articulado libello
Trocára o lucro restricto
Pelos ganhos do escalpello,
Ou virtude da lanceta
Que sangra vêa e gaveta.

XIV

Com tintas vivas desenha
Os valores que arrecada
O Galeno, sem que tenha
A descontar, pois em cada
Receita que elle rabisca
Vai o anzol com boa isca.

XV

Ao mappa incompleto falta
 O susto real e serio
 Que sempre ao medico assalta
 Quando vê no cemiterio
 Enfileirados e juntos
 Os jazigos dos defuntos.

XVI

Quem passa vida tão boa
 Como o nédio sacerdote ?
 Não ha quem sobre a corôa
 Aventure um piparote :
 Quem, como elle, ha que desfructe
 Acipipado *quitute* ?

XVII

Não fallando na tremenda
 Do guloso frei Sueiro,
 Para que se não aprenda,
 Como factó verdadeiro,
 A anecdota do toucinho
 Levado á noite ao focinho.

XVIII

Gordas primicias recolhe
 De bem sazoados fructos ;
 Tambem ganha, apenas olhe,
 Os mais caros dos productos ;
 Pois não é preceito vario
 — *O melhor para o vigario.*

XIX

Muita gente deste modo
 Pensa a respeito do padre,
 Embora o calculo todo
 Perfeitamente não quadre,
 Visto que ás vezes o trigo
 Joio esteril tem comsigo.

XX

Como infallivel precalço,
 O vigilante remorso
 Acompanha-o pelo encalço,
 E trepando-lhe no dorso
 Apresenta-lhe o registo
 Das vendas do Sancto Christo.

XXI

E não contente lhe mostra
 De sacrilegios um feixe,
 E, fazendo papel de ostra,
 Sem que ao pobre padre deixe,
 Com infernal ironia
 Lhe soletra — *Si-mo-ni-a*.

XXII

De latim ao sabio lente
 É presente o tempo antigo ;
 Conversa constantemente,
 Sem da etiqueta o perigo,
 Reis, dictadores, magnates,
 E vomita disparates.

XXIII

De reconditos segredos
 Até o amago penetra,
 E os intrincados enredos
 Das sybillas interpetra ;
 Denomina o —*nec invideo*—
 As uvas verdes de Ovidio.

XIV

Absorveu tanta sabença
 Em narigadas de esturro,
 E com toda razão pensa
 Ter o merito de um burro
 Quem não conhece os primores
 Dos latinos escriptores.

XXV

Porém, se o nominativo
 Faz *Jupiter*, como cabe
 Um —*Jovis*— em genitivo ?
 Nem por sonhos elle o sabe,
 E por isso quando acorda
 Vive por falta de corda. (*)

XXVI

Outras questões de alta monta,
 Difficultosas como esta,
 A cabeça trazem tonta,
 Nem deixão dormir á sésta
 O profundo sabio mestre,
 Honra do globo terrestre.

(*) Este pensamento achei-o no romance *Han d'Islandia*.

XXVII

Como é completo o socego
 Daquelle homem da botica ?
 Escolheu optimo emprego,
 O qual nunca se complica ;
 Si impunemente os venenos
 Ministra, inda isso é o menos.

XXVIII

Estando prompto o xarope,
 E o gral já tendo deposto,
 Quem nos diz que elle não tope
 Parceiro de alegre rosto,
 E passe, cheirando a triaga,
 No gamão uma hora vaga ?

XXIX

Comtudo tem seus revezes
 O boticario droguista ;
 Decorrem minguados mezes,
 Nos quaes diminue a lista
 De achaques e epidemias,
 Deixando-o sem regalias.

XXX

Este alumno de Mavorte,
 Que traz dragona de cacho,
 Posto á frente da cohorte,
 De barretina e pennacho,
 Nos ensaios da peleja
 Excita na praça inveja.

XXXI

Coitadinho! inda me lembro
 Das infantis caramunhas
 Que elle fazia em setembro,
 Soffrendo dôres nas unhas,
 Por effeito da topada
 Que dêra na retirada.

XXXII

Certo rico fazendeiro,
 Dono de immensos escravos,
 Solta arrotos de dinheiro,
 E, em desconto dos aggravos
 Da pequenez do bestunto,
 Afoga em vinho o presunto.

XXXIII

Sua casa de vivenda
 Assemelha obra de Mafra,
 E elle antevê pingue venda
 Da muito abundante safra ;
 Mas depois *são mais as vozes*
Comparadas com as nozes.

XXXIV

E, sobre tudo, é brinquedo
 Perder o somno de noite
 E andar tremendo de medo
 Que alli no mato se acoite
 O preto que nega a bunda
 À moralissima *tunda* ?

XXXV

Isto é nada ! e os desaforos
 Que o vil escravo pratica,
 Suando até pelos poros
 Quando mais cansado fica ? ! !
 Nem agradece a *jacuba*,
 Que não comeria em Cuba !

XXXVI

Si as profissões que relato
 São tidas como felizes,
 Do colorido retrato
 Observando-se os matizes,
 Juizo desvantajoso
 Se fórma do alheio goso.

XXXVII

Convem, pois, conforme creio,
 Cada um de nós conserve
 A ambição em duro freio ;
 Queixa inutil pouco serve,
 E a paciencia torna francas
 As mais imperradas trancas.

XXXVIII

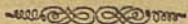
Nunca soffrêra certo homem
 Nem a minima ogerisa,
 Nem trabalhos que consomem
 Enrugando a fronte lisa :
 Perde o anel, traste de luxo,
 De um peixe encontra-o no buxo.

XXXIX

Deste filho da ventura,
Deste mimoso da sorte,
O carrasco dependura
O corpo em tres páos, e a morte,
De cutello e de baraço,
Da vida lhe corta o laço.

XL

Não basta só este exemplo?
Necessito de outros novos?
Se o resultado contemplo,
Vejo que *ao frigir dos ovos*
É quando melhor se apura
Quanto sobra da gordura.



OS SENTIDOS CORPORAES

AO MEU AMIGO E PARENTE

AURELIANO PEREIRA CORRÊA PIMENTEL.

Non sunt loquelæ, neque sermones
Quorum non audiantur voces eorum.

Das campinas cobertas de flôres,
Olhos meus, vêde os bellos matizes ;
São floridôs e mudos louvores
Ao auctor da semente e raizes.

Escutai, meus ouvidos, attentos
O afinado gorgeio das aves ;
São hosannas e canticos bentos
De harmonias agudas e graves.

É do mais delicioso perfume
E fragrancias a inculta baunilha,
Qual incenso lançado no lume
Por archanjo que adora e se humilha.

O sabor succulento dos fructos,
Que rebentão da leiva da terra,
Tem resaibo de pios tributos,
Homenagens a Deos elle encerra.

Apalpai, minhas mãos, tantos centos
De milhões de infinitos argueiros;
São eternos, reaes monumentos,
E da gloria de Deos pregoeiros.

Barbacena, 15 de Abril de 1860.



A IMPRENSA

A liberdade da imprensa,
Que aos vis despotas espanca,
É bimbarra ou alavanca
De valor e força immensa.
Quando nisso menos pensa
Impopular, máo Governo
Com velleidades de eterno,
O papel que sahe do prelo
Precipita esse flagello
De cambalhotas no inferno.



PARABOLA

OS QUATIS

O quati, bicho damninho,
 É flagello da lavoura;
 Seu voraz, longo focinho
 Não regeita a espiga loura.

Percorre, aos bandos, a roça,
 E come e destróe o milho;
 Zomba do cão que o acoessa,
 Sabe illudir o gatilho.

Quando o tiro se dispára,
 Cahe a turba vil por terra;
 Cuida o homem que acertára,
 Porém nos calculos erra.

Procura debalde a presa,
 Que suppõe ferida ou morta;
 Reconhecendo a espertesa
 Fica então de cara torta.

.

Ha funcionarios no Estado
 Que aos quatis levão as lampas;
 Contra os taes não ha cadeado,
 E nem ferrolhos, nem tampas.

Esta praga tão nociva
 Tem a roça no thesouro ;
 De dura guela e gengiva
 São quatis que comem ouro.

O bando infame penetra
 Os arsenaes, as escolas,
 As alfandegas *et cætra*,
 E reduz o povo a esmolas.

E se o fiscal verdadeiro
 Faz nestes quatis seu alvo,
 Do primeiro ao derradeiro
 Tudo escapa são e salvo.

Baependy, 24 de Agosto de 1862.



EPIGRAMMA

Pessoalmente despedir-se
Não pôde certo visconde
Porque teve de partir-se
Com pressa não sei para onde.

E gasta papel e tinta,
Redige sublime peça
A personagem distincta
Sem notar que está com pressa.

Diz e desdiz o que disse,
Pede desculpa e se culpa,
E por maior parvoíce
Desta culpa se desculpa.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



PARABOLA

A QUEIMADA E OS GAVIOES.

Para engordar bem o gado,
No mez de Julho ou de Agosto
O arido campo é queimado
Pelo fogo que lhe é posto.

O reptil que anda de rastos,
O insecto de tenues azas,
Entre o capim desses pastos
Tu, ó fogo, intenso abrasas.

De negra cinza cobertos
Filhotes de passarinhos;
Por serem menos expertos
Jazem dentro de seus ninhos.

Ainda bem a fumaça
 Não se dissipa nos ares,
 Já de gaviões esvoaça
 Um bom numero de pares.

E tal especie de abutre,
 Voraz ave de rapina,
 De cadaveres se nutre
 Ou por máo instincto ou sina.

É, pois, o incendio flagello
 Dos fracos animalejos,
 Porém traz recreio bello
 Para os gaviões malfazejos.

.....

Em um successo como este
 Que boa moral se apanha !
 Nos incendios e na peste
 Entre nós tambem se ganha !

O boticario aproveita
 A monção, e impinge a droga ;
 E do medico a receita
 Quanto mais cara, mais voga.

O bom padre neste ensejo
As finanças equilibra,
Aceita, cheio de pejo,
Sportula e véla de libra.

São de instinctos differentes
Os tres gaviões aqui junctos;
Aquelles querem doentes,
O ultimo só quer defunctos.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



PARABOLA

O PASSARINHEIRO.

Não posso louvar o instincto
Que revela o caçador,
De sangue vendo-se tincto
Sem compaixão e sem dôr.

Todo o seu prazer é o campo,
Onde se julga feliz,
Quando o seu fiel Melampo
Lhe levanta uma perdiz.

Apenas a caça vôa,
A arma no ponto elle poz,
Crendo talvez cousa boa
Da ave ser o mão algoz.

Contra a perdiz innocente
Fizerão conSPIração
O caçador, a serpente,
E o carnivoro gavião.

Sem a desculpa da fome,
Na posse de fructo e mel,
Merece affrontoso nome
O caçador mais cruel.

Vem cá, meu passarinho,
Paixão de caça tens tu?
Pois leva o teu perdigueiro,
E rasteja um urutú.

Se não basta ainda, ataca
Um ninho de cascadeis,
Nem poupes a jararaca,
E traze-me cinco ou seis.

Desfia a bucha de palha,
Tempêra a pedra e o fuzil,
E sem piedade espalha
O chumbo contra o reptil.

Si dest'arte praticares,
A meu ver, farás assim
Milhares sobre milhares
De beneficios sem fim.

São taes inimigos do homem
Assaz dignos de morrer;
Os seus venenos consomem,
O seu bote é de doer.

Não é de hoje a inimizade,
 E já vem muito de trás!
 Porque combater não se ha de
 Tanto mal que se nos faz?

Da serpe invejosa e astuta
 Os raciocinios de fel
 Inspirarão a conducta
 Da mãe e do pai de Abel.

E o passarinho que pia,
 E d'onde o mal não provém,
 Que acção má commetteria?
 Qual a culpa que elle tem?

Bater o fraco é vileza,
 Bater o forte é valor;
 Porém de outro modo resa
 Cartilha de caçador.

Borda do campo, 30 de Dezembro de 1861.



PARABOLA

O JAMBO.

Brasileo jambo
É uma fructa
Que se reputa
Mui primorosa.

Tem, como a rosa,
Suave aroma,
E que se coma
Diz-nos a boca.

Porém é ôca,
E só a casca
Se engole e masca
Da fructa jambo.

E nem eu lambo
O seu caroço,
Porque é insosso,
Si não amargo.

.....

Agora largo
As vélas soltas,
E vou dar voltas
Por outros mares.

Quando topares
Um bello aspeito,
Vê se o sujeito
Jambo é por fóra :

Se acaso mora
Casca a dentro,
E bem no centro
Caroço ruim.



PARABOLA

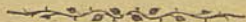
○ POLITICO AMPHIBIO.

O politico leve
Se aventura e se atreve,
Sem ter principios fixos,
E torna-se dest'arte
Igual a certos bichos
De toda e qualquer parte.

Nem só me presta o ganço
O exemplo do que avanço;
O marreco é dos ares,
O marreco é da terra,
E nem a agua dos mares,
Ou dos rios o aterra.

E quantos patriotas
Vão como gaivotas,
Na terra não têm péas,
E nas ondas profundas
Nadão como balêas?
Vê lá, que os não confundas!

Se nadão e se vôão,
E se a terra povôão
Todos esses bonecos,
Que nada têm de graves,
Não passam de marrecos,
Se é que elles são aves!



EPIGRAMMA

Um cavalheiro polido,
Ao paiz recém-chegado,
Recebeu muitas visitas,
E foi muito obzequiado.

E tendo de retirar-se
(Nobre exemplo de acções boas!)
Pelos jornaes se despede
De officiosas pessoas.

De tão justa cortezia
O motivo não se esconda,
É seu gosto que se leia
Seu nome em letra redonda.



TESTAMENTO SOLEMNE

COM QUE FALLECEU JUDAS ESCARIOTES.

Judas mercator pessimus.

Eu Judas Escariotes,
O peor dos mercadores,
Para livrar-me dos botes
De remorsos roedores,
Prestes á morte de laço,
O meu testamento faço.

Não tendo herdeiros forçados,
Para os quaes deixe as heranças,
Reduzo a simples legados
Todas as minhas finanças;
E não digão financeiros,
Que são só trinta dinheiros.

Já de antemão condemnado,
Soffrendo dôres acerbas,
Eu não morro ab-intestado;
Pois ficão nas minhas verbas
(Assim não me falte a calma)
As ruins qualidades d'alma.

Do Deos vivo sobre a face
 Sendo o meu osculo a senha,
 Logo todo o furor nasce
 Na turba vil que se empenha
 Em prender com violencia
 O Justo por excellencia.

Seja esta acção meritoria
 Com letras de sangue escripta
 Nas tristes folhas da historia;
 Porque dita e sempre dita
 É sem duvida que ella ha de
 Trazer-me celebridade.

E este celebre renome,
 Sendo imitado com zelo
 Por quem esse exemplo tome,
 De obscuro póde fazê-lo
 Um heróe, como os heróes
 Que tu, ó tempo, não destróes.

Fui traidor, jámais o nego,
 Entreguei o Sancto Christo,
 De quem ainda arrenego;
 E fui impellido a isto
 Pela ambição desmedida,
 Que me dá cabo da vida.

Deixo esta ambição immensa
 Aos que accumulão ajudas,
 Empregos, pensões e tença,
 Além das cousas miudas;
 Esses nem fartos de sopa
 Mettão prego sem estopa!

Fui traidor, jámais o nego,
 Entreguei o Sancto Christo,
 De quem ainda arrenego;
 E fui impellido a isto,
 Porque a inveja, negro verme,
 Penetrou-me na epiderme.

Deixo, pois, a mesma inveja
 A quem do merito alheio,
 Maior do que o seu, moteja,
 E, sem escolha de meio,
 Attribute ao vicio rude
 Boas acções de virtude.

Fui traidor, jámais o nego,
 Entreguei o Sancto Christo,
 De quem ainda arrenego;
 E concorreu para isto
 A ingravidão que devora
 As entranhas onde mora.

A ingratiidão mais infame
Deixo ao máo filho do povo,
Para que ao povo não ame,
E, nobre ou fidalgo novo,
Da anarchia tenha assombro,
E olhe por cima do hombro.

Fui traidor, jámais o nego,
Entreguei o Sancto Christo,
De quem ainda arrenego;
A cegueira é causa disto,
E os olhos da razão tapa,
Porque a razão não lhe escapa.

Eu deixo a cegueira interna,
Como funesto legado,
A quem os povos governa,
Dictador ou coroado;
Para que dobre os joelhos
Aos mais perfidos conselhos.

Fui traidor, jámais o nego,
Entreguei o Sancto Christo,
De quem ainda arrenego;
E fui impellido a isto
Suppondo fosse mais util
Seguir doutrina mais futil.

Eu deixo a futilidade
Aos que, nos dias de gala,
De maior solemnidade,
Vão perfilar-se na sala,
E mostram ser cortezãos
Na etiqueta e beija-mãos.

Fui traidor, jámais o nego,
Entreguei o Sancto Christo,
De quem ainda arrenego;
E fui impellido a isto
Pela perfidia insensata,
Que de mim fez diplomata.

Deixo a perfidia latente
Para os que assignão contractos,
E vestem constantemente
De trapaças os seus actos;
Diplomatas compromettão
Negocios em que se mettão.

Fui traidor, jámais o nego,
Entreguei o Sancto Christo,
De quem ainda arrenego;
E concorreu para isto
A má fé que sempre tive
E em meu peito ainda vive.

Deixo a má fé toda inteira
 Para eleições e comícios;
 Ella introduza onde queira
 Os escandalos e vicios,
 Ou se evaporem as actas,
 Ou surjão as duplicatas.

Agora julgo opportuno
 Legar os sonoros *trinta*,
 Que n'uma bolsa reúno;
 O financeiro consinta
 No orçamento do thesouro
 Esta vil quantia de ouro.

Vil quantia, ou mesmo cisco,
 Este dinheiro maldito
 Estabeleça no fisco
 A moda, o systema, o rito
 De absorver em mil tributos
 Do povo o trabalho e os fructos.

Aconselho e recommendo
 A todo o meu legatario
 Vá, quanto possa, comendo,
 E responda ao mundo vario
 Com o rifão—*Ande eu quente,*
E de mim ria-se a gente.

Para não haver intruso
 Na partilha dos legados,
 E para evitar o abuso,
 Eu declaro exceptuados
 Os sectarios da doutrina
 Que o *tal justo* agora ensina.

Phantasiem a seu gosto
 A chimerica igualdade,
 E bebão lá o seu môsto
 Em honra da liberdade;
 Por meus calc'los infalliveis
 Elles serão *impossiveis*.

S. João d'El-Rei, 5 de Abril de 1861.



PULHA

PASCOA NO DIA DE CINZA !

O facto se refere acontecido
Da Pascoa ter cahido
De cinza nessa magra quarta-feira!
Livraria toda inteira
Deita abaixo o melhor dos canonistas,
Compara as varias vistas
Ou phases por que a lua tem passado,
E decide pasmado :
— Isso não pôde ser! não se comprehende!

— Porém, meu sabio, attende!
Pôde ser, pôde ser, diz-lhe um gaiato!
É facil, é possivel esse facto,
Se uma mulher que Pascoa se chamasse,
Quarta-feira de cinza escorregasse.

Tugurio, 14 de Outubro de 1862.



EPIGRAMMA

Quando se expedem os titulos
Dos habitos e commendas,
Em prol das publicas rendas
Ha uma tabella real.

Portanto não são gratuitos
Os premios dos servidores,
Porque despendem valores,
Despendem seu cabedal.

Si aqui não entra o ridiculo,
É notavel que uma graça
De graça nunca se faça
Sem tinir louro metal.



SUPPLICA

Petite et accipietis.

O' Jesus Christo,
 O' tu meu Deus,
 Attende, escuta
 Os rogos meus.

Por piedade,
 Por compaixão,
 Inspira e toca
 Meu coração.

Tenho peccado
 Por malvadez,
 E bem conheço
 Que sou má rez.

Porém appello
 Do teu rigor
 Para a sentença
 Do teu amor.

Amor immenso,
O' bom Jesus,
Que pelos homens
Levou-te á cruz.

Si purgão culpas
Do peccador,
Venhão angustias,
E venha a dôr.

Eu me resigno
Ao teu querer,
E me offereço
Para soffrer.

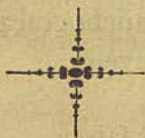
Nem eu ignoro,
Supremo bem,
Que a sancta graça
De ti provêm.

Mas si a faisca
Da contricção
Tu não accendes
No coração,

Eu filho de Eva
Triste mortal,
Cégo me abysmo
No eterno mal.

Hei de importuno
Pedir, até
Que fortalezas
A minha fé.

Não me condemnes,
O' summo Bem,
Salva minh'alma
Amen, amen.



EPIGRAMMA

Não ha homem defuncto que não ganhe
 Artigo necrologico nas folhas,
 Guarnecido por quatro listras negras,
 Com tarja de chorões (a planta e o anjo).

Quem desta se partio não tem ouvidos,
 Nem os posthumos gordos elogios
 Do finado o amor-proprio lisongêão.

Mas na terra ainda resta algum parente
 Que leia o panegyrico pomposo,
 E compense o dispendio da *cevada*. —
 Até co'a morte os vivos especulão !



UMA NECROLOGIA

Justus non moritur.

Chegando o correio
Desprendo as cruzetas,
Confronto as mentiras
De nossas gazetas.

A tarja de luto
Á vista me occorre,
E a epigraphe leio
— *O justo não morre!*—

A these me instiga,
Perpasso este assumpto,
E emfim me convenço
De haver um defuncto.

E foi a materia
Tão mal resolvida,
Que bem se confunde
A eterna e esta vida.

Então fiz comigo
Em meu pensamento
Da logica filho
Seguinte argumento :

Si o justo não morre,
E este homem morrêra,
Conclue-se portanto
Que justo não era.



EPIGRAMMA

E digão lá os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura.

(CAMÕES.)

O motivo não descubro
De notaveis accidentes !
De nascença já traz dentes ,
O leitão no mez de outubro.
E diz a fama
Que elle não mama,
Porque a têta os não supporta,
Si a tesoura lh'os não certa.

É este um facto,
Que bem acato.
E terá nome de sabio
Sabio que explicar não sabe-o ?
Quão muita cousa
Inda repousa
Occulta na escuridão,
Qual mysterio do leitão !

PARABOLA**A PERDIZ E O TICOTICO DO CAMPO.**

É o caçador muitas vezes
Illudido pelo cão,
E quando menos o espera
Soffre amarga decepção.

Esse fiel companheiro,
De prestimoso nariz,
Parece ter farejado
O rasto de uma perdiz.

Anda e desanda inquieto,
Para ávante e para trás,
Dar mil voltas e revoltas
Ao caçador elle faz.

E no momento solemne
Do tiro se disparar,
Não *perdiz*, mas *ticotico*
Surde da mouta a voar.

Então o justo despeito,
Que bem cabido aqui é,
Aconselha contra o bruto
Formidavel pontapé.

.

Nesses catalogos
De livraria
Joio, avaria
Eu digo que ha.
Leitor simplorio
Quantas e quantas
E quantas mantas
Não levará !

Pomposo annuncio
Serve á lisonja,
E passa a esponja
Sobre o que é máo.
Esta ruim pratica
Produz effeito,
Rende-lhe preito
Muito patáo.

Do prêlo espera-se
Livro excellente
E ao lê-lo a gente
Torce o nariz ;
Vindo a proposito
O caso rico
Do *ticotico*,
E da *perdiz*.



HYMNO

Homenagem a Deos tributemos
Com intenso fervor incessante,
Desde a aurora ao crepusc'lo da tarde,
Quando o sol ou se deite ou levante.

Homenagem a Deos tributemos
Entre o espaço das trévas da noite ;
Quer o mudo silencio as governe,
Quer o vento de rijo as açoite.

Homenagem a Deos tributemos
Quando á mesa nos chama o appetite ;
Das doçuras e bellos sabores
Esse goso só Deos nos permite.

Homenagem a Deus tributemos
Que os trabalhos diurnos e a lida
São productos que o mal do peccado
Faz pesar na balança da vida.

Homenagem a Deos tributemos
Quando o corpo repousa na cama ;
Si o descanso interrompe as fadigas
É mercê do bom Deos que nos ama.

Homenagem a Deos tributemos
Por deixar-nos a meiga esperança,
Que através de horrorosa tormenta
Nos aponta a serena bonança.



EPIGRAMMA

Quando ás vezes acontece
Parlamentar cambalhota,
E este sóbe, aquelle desce,
Porque o precario tem fim,
Então muito patriota
Dá saltos de trampolim.



OS RECURSOS DA INJURIA

Non sunt facienda mala ut eveniant bona.

Mais um pouco de bom-senso!

Musa, basta de rimar,

Visto que negas o incenso

Das potestades no altar.

Sem justo motivo atacas

Leis, costumes de raiz

Nesta terra das patacas,

Moralisado paiz.

E dizes — quem tem dinheiro

Póde a salvo injuriar;

Pois o prélo interesseiro

Ás injurias dá lugar.

Quando a injuria por escripto

Ao homem probó maldiz,

Vai-se punir o delicto

Na presença do juiz.

Tu me asseveras, não erro,
Que, a favor do detractor,
Faltando o testa-de-ferro,
Ha o Poder Moderador.

Impellido pela fome
Aquelle acceita o real,
Este deseja que somme
Nova parcella o hospital.

Ha caridade nas vistas,
É purissima a intenção,
Mas severos moralistas
Impoem certa restricção.

Prestar ao enfermo abrigo,
Curar-lhe as chagas e a dôr
É bom proceder do amigo
Da lei de Deos por amor.

Que nunca porém se faça
O sempre damnoso mal,
Ainda que d'ahi nasça
Um bem,—ordena a moral.

EPIGRAMMA

Si aos serviços e á virtude
A distincção não allude,
A excellencia ou senhoria
Do mais nobre cavalheiro
Vale o mesmo que o letrado
Posto em garrafa vasia.



PARABOIA

O TAMANDUÁ.

O nosso Brasil fecundo
É também, de mais a mais,
Entre os paizes do mundo,
O paiz dos animaes.

E nenhum tão exquisito,
Na bicharia de cá,
É conhecido ou descripto
Como o tal tamanduá.

Resupino elle abre os braços,
Se acontece te encontrar,
E traidor nos seus abraços,
É capaz de te matar.

.....

É dos homens arremedo
Esse fero irracional,
Quando assim mostra-se tredo,
E propenso para o mal.

Entre pessoas amigas
Commummente se achará
Desleal papa-formigas,
Humano tamanduá.

A semelhança é patente,
E differe o homem só,
Além de unhas, em ter dente,
Dente que morde sem dó.

Barbacena, 25 de Setembro de 1862.



ORIGEM DIVINA

O immenso poder dos reis
Sustentas, que vem dos céos!
Que nos curvemos quereis
Tão submissos como réos
Perante os caprichos seus,
Postos acima das leis!
Não é bom que interpreteis
Altos mysterios de Deos!

Um rei perverso
É creatura
Que mais apura
A do universo
Bella harmonia!
Porém, comtudo,
Dê no que dêr,
Eu cá não mudo
De parecer :

E dest'arte não illudo
A quem me ouvir e attender.

Por essa regra,
Se a vil serpente
Peçonha negra
Filtra no dente,
Isso annuncia
Que sendo a cobra,
Como o rei é,
Divina obra,
Nos morda o pé?
Deos tambem creou de sobra
O pão que chamão—*ipé!*



EPIGRAMMA

Aquelle que defende
Todo e qualquer partido
No poder, o que pretende?
Que seja repartido
Com elle o patrimonio,
Ou peculio do Estado.
Reine embora o demonio,
E reparta o bocado.



EPIGRAMMA

Se vós crêdes que meus versos
Têm laconismo de mais,
Os juizos são diversos,
Não penso como pensais.

Se não fosse
Como o doce,
Que não se come a faltar,
Eu faria
Poesia
De encher barriga a matar.



EPIGRAMMA

De modinhas brasileiras
Insulso versejador,
Reune montão de asneiras
Na ruim solfa sem sabor.

E contra todo o sentido
Que as palavras devem ter,
O que nos tira do ouvido
Vem pelos olhos metter.

E (quem haverá que pense-o?)
Elle se anima a cantar
— Já das trêvas o *silencio*
Se começa a *divisar!*



PARABOLA

OS TUCANOS.

Ha passaros mui lindos
Nas mattas e campinas do Brasil;
Vão bandos infindos,
E pousão na floresta aos mil e aos mil.

O p'riquito é formoso,
De bello aspecto a verde m'racanã,
O sabiá é mavioso
No gorgeio da tarde ou da manhã.

E, se eu me não illudo,
De tantos nenhum pôde-se antepôr
Ao tucano bicudo,
No lustre da auri-rubra e viva côr.

Porém se elle desata
Das cavernas do papo a feia voz,
Ouvidos desacata
Dos homens, ou do bruto mais feroz.

.....

Associadas

São as idéas,
E aqui lembradas
As assembléas,
Ou reuniões.
Se esses janotas
Mostrão no rosto
Das finas botas
O seu bom gosto,
São figurões!

Andão casquilhos,
Vestem colletes
Com espartilhos,
Dansão minuêtes
Com rapapê.
Trazem gravatas
De finas côres,
E pataratas
De altos valores,
Não sei p'ra que.

Si um delles falla,
Embora humano,
Então iguala
Só ao lucano
No som vocal.
Sua palavra
Fere os ouvidos,
Offende, agrava
E os faz doridos
Por nosso mal.

Inda isso é o menos,
E é cousa pouça,
Se os sons amenos
Na aberta boca
Elle não poz.
Para o conceito,
Para a sentença,
Falta-lhe o geito,
Nem é propensa
Idéa e voz.



EPIGRAMMA

« A lingua de Camões, lingua vernacula,
Podemos bem fallar sem adjutorio
Do rançoso latim, morto, obsolêto! »

Era esta a opinião de um litterato,
Não de meia tigella, de mão cheia.

Quer provar por escripto quanto disse,
Arroja-se a escrever para as imprensas,
E de um negro fugido faz o annuncio,
Dando como signal a falta de unha
Em o *dedo annular do pé* direito.



TRADUCCÃO DO HYMNO DE S. THOMAZ

Ao SS. Sacramento.

Eu te adoro, ó latente Divindade,
Que sob estas figuras bem te escondes,
A ti meu coração todo se rende,
Porque no contemplar-te desfallece.

A vista, o tacto e o gosto em ti se illudem,
Porém no ouvido a fé toda repousa,
E eu creio nas palavras do Deos Filho,
Pois nada é mais verdade que a verdade.

Na cruz só se occultava o Ser Divino,
A humanidade aqui tambem se occulta,
E eu, crendo em uma e outra natureza,
Te peço o que o ladrão tambem pedio-te.

Si, como S. Thomé, não vejo as chagas,
 Comtudo que és meu Deos, eu te confesso;
 Faze que a minha fé, minha esperança
 E amor para contigo se afervorem.

Monumento da morte de meu Christo,
 O' páo vivo, que dás a vida ao homem,
 Concede que minh'alma de ti viva,
 Fruindo teu sabor, tua doçura.

Piedoso pellicano, ó Jesus Christo,
 Lava a immundice d'alma com teu sangue,
 Do qual uma só gotta salvar pôde
 De toda a culpa todo o orbe das terras.

Jesus, que vejo agora assim velado,
 Eu te rogo e supplico tão sómente
 Que em face revelada emfim te veja
 E a bemaventurança eterna gose.



DESCULPA

INVITA MINERVA.

Quiz fazer por força uns versos,
Tomei a penna e o papel,
Casão-se os metros dispersos
Como as linguas de Babel.

Desvaira-se o pensamento,
Foge a idéa a bom fugir,
Materia, assumpto, argumento,
Nada me vem acudir.

A cabeça não se escalde,
Por faltar-lhe a inspiração;
Sem esta sempre de balde
Trabalha o poeta em vão.

Rebelde o espirito
Hoje se fez?
Pois bem, eu guardo-me
Para outra vez.

E quando menos
O esperar,
Versos amenos
Hei de rimar.

O ensejo proprio
É essencial,
Conceito lucido
É casual.

Se a rima pobre
Foi-me infiel,
Antes me s6bre
Tinta e papel.



PARABOLA

O PREGOEIRO E ORADOR.

Para solver certas dividas
 (Causa de muita desgraça!)
 Procedia-se na praça
 A uma arrematação;
 E o pregoeiro monotono
 Proclamava, a grandes berros,
 Badulaques, velhos ferros,
 Avaliados em tostão.

E depois mostra que ufana-se
 De um obstaculo vencido,
 Pelo qual ha merecido
 Applausos e galardão.
 Levantar a voz em publico!
 Limpando o suor da testa
 Diz elle, não ha como esta
 Tão difficil profissão!

.....

Vereis em qualquer das camaras,
Onde muita gente falla,
Muito orador que se iguala
Ao pregoeiro civil.
Cheio de ardor e de estimulos,
Cada qual mais alto grita,
E dest'arte felicita
A patria, o caro Brasil.

Depois, recobrando o folego,
Como quem venceu combate,
Na frente orgulhosa bate,
Tendo-se em conta de mil.
Sou eu lá qualquer estúpido!
Diz, todo cheio de vento,
Não ha neste parlamento
Discursor tão varonil.



UM DIA DE ANOS

Sei que o mez de Fevereiro
É de todos o mais curto;
Mas ao numero me furto,
Como objecto derradeiro.

Se acaso algum temerario,
Em estylo pouco ameno,
Chamar este mez pequeno
Com razões de kalendario,

Uma demanda lhe movo,
Ponho embargos de terceiro,
Pois nasceu em Fevereiro
O barão do Rio Novo.



EPIGRAMMA

De confessores a falta,
Certo christão lamentava,
E um bom padre que o escutava
Com estas razões o assalta :

Amigo, são infundados
Os teus sustos e temores ;
Haja bastantes peccados,
Que não faltão confessores!



EPIGRAMMA

Iria na praça buscar gente nova
 O dono que fosse de casa espaçosa,
 Enchendo-a dest'arte de plebe que mova
 Conflictos, e seja lá dentro rixosa ?

Seria loucura, loucura varrida,
 De um tal insensato que assim o fizesse !
 Privar-se dos gozos, dos gozos da vida
 Sem fim de proveito, que nome merece ?

Convem por acaso fazer parallelo
 De cousas pequenas e cousas maiores ?
 Colonias viciosas (que exemplo mais bello !)
 Ainda serião loucuras peiores.



PARABOLA

O ABACATE.

Diante de nossas fructas
Parece que não se abate,
Nem ás lutas
Ou combate,
Foge o afamado abacate.

Como prova do bom gosto,
Na lauta mesa dos nobres
Elle é posto,
E o descobres
Refeição parca dos pobres.

Noto, porém, que se come
Ou com limão ou com vinho,
E que o tome
O visinho
Adoçado um poucachinho.

A preta jaboticaba
 Exclue os ingredientes,
 Nem acaba
 Entre os dentes
 O bello sabor que sentes.

A gabirola do prado
 Tem requintes de doçura,
 E é escusado,
 Nem se atura
 Assucar nem rapadura.

Se o ananaz tem corôa,
 De certo bem o merece ;
 Cousa boa
 Me parece,
 Pois de adubos não carece.

.....

No meio desses magnates,
 Por entre os parlamentares,
 Grandê porção de abacates
 É mui facil de encontrares.

Merito proprio é bem raro,
 Luz reflectida é emprestada,
 E o paiz paga bem caro
 Muita lição orelhada.

E nos trabalhos de peso,
Nos importantes debates,
Impertigado e bem teso
Brilha algum dos abacates?

Tudo nelles é postigo,
Por si não presta a pessoa;
Entretanto e apezar disso
Seu renome se apregôa!

Aquelle por ser parente,
Est'outro por ser visconde,
Têm o valor apparente,
Que o real 'stá *não sei onde!*

A FELICIDADE

Districtus ensis cui super impia
 Cervice pendet, non siculae dapes
 Dulcem elaborabunt saporem:
 Non avium citharæque cantus
 Summum reducent.

(HORATIO. *Liv. 3^o, Ode 1^a.*)

I

Si, á adulação pouco afeitada,
 Altos encomios não tece,
 Esta satyra respeita
 A quem respeitos merece,
 E, condemnando os delictos,
 Separa os Neros dos Titos.

II

A posição elevada,
 A excelsa cathogoria
 Será tranquilla morada
 Dos gozos e da alegria?
 Ahi reinão amarguras,
 Dissabores e torturas.

III

Quando a historia é que nos falla,
 Quando a historia nos ensina,
 É erro contraria-la ;
 Porque a verdade domina,
 E as precarias forças tira
 Aos sophismas da mentira.

IV

É o espirito sereno,
 É da consciencia a pureza
 Antidoto do veneno
 Que a limpida vida enfeza ;
 Põe a singela virtude
 N'alma o vigor e a saude.

V

Si, aberrando a estrada recta,
 O despota mão e infrene
 Abusa desta dieta,
 E despresa esta hygiene,
 Desse iniquo e malfazejo
 Os prazeres não invejo.

VI

Dyonizio Syracusano,
 De quem Cicero se occupa,
 É poderoso tyranno ;
 Porém, trazendô á garupa
 O medo, a desconfiança,
 Nem por momentos descança.

VII

É que o remorso do crime
 Despiedoso afferretôa,
 E de soffrer não exime
 Cabeça que tem corôa,
 Assombrando, qual espectro,
 Sem respeito ao real sceptro.

VIII

Dos simulacrôs a roupa,
 O ouro do templo, as alfaias
 Por escrupulos não poupa ;
 Salta por cima das raias
 Do sagrado e do profano
 Dyonizio Syracusano.

IX

Deste sacrilego saque
 Vêm após outra façanha,
 Do direito quebra e ataque ;
 N'hasta publica elle apanha,
 De contado, sem atrazos,
 Dinheiro a troco dos vasos.

X

Depois por edicto ordena
 Co'a maior hypocrisia,
 Debaixo de dura pena,
 Reponhão té certo dia,
 Sem garantia de posse,
 Tudo o que do templo fosse.

XI

Com proceder tão infame,
Da vida negro episodio,
Será possível que o ame,
E, limpo de mortal odio,
O povo conceda ao triste
Tirar a lança do riste ?

XII

Transforma cada vassallo
Em necessario inimigo,
Com plena razão de odia-lo,
E 'sismando no perigo,
Qual bruto o mais intractavel,
Mais que o bruto é miseravel.

XIII

Elle afasta o hirsuto rosto
Do barbeiro e da navalha ;
Este assassino supposto
Já parece que lhe talha
A cerviz, e o deixa exangue
Nadando no proprio sangue.

XIV

Então as filhas exercem
Esse officio, indigno dellas ;
Mas ainda assim carecem
Do ferro, porquanto as bellas
Capazes de acções atrozes
Não são com cascas de nozes.

XV

Oh injuria que o pai lança
 Contra a innocencia da prole,
 Retirando a confiança
 Do punho macio e molle,
 Por temer ahi o cutello
 Lhe rape mais que o cabello !

XVI

Com justo e forte motivo
 Se arreceia das pessoas ;
 Não pratica esse ente vivo
 Senão acções menos boas,
 Apezar que o não accusa
 A velha dê Syracusa.

XVII

Tu, velha, porque supplicas
 Pelo tyranno Dyonizio ?
 Se não erras, nem claudicas,
 Põe-no em pratos limpos, dize-o :
 O pai e a mãe conheceste ?
 Erão perversos como este ?

XVIII

Disseste-o sincera e franca !
 E no logico argumento
 A tua razão não manca,
 Medindo o progresso e augmento
 Da impiedade e demencia
 Que avulta na decencia.

XIX

Que lição tão proveitosa
 Se estuda nest'outro facto !
 Das amizades não goza
 O temido scelerato,
 E Dyonizio o significa
 Quando um fiador lhe fica.

XX

Condemnado estava á morte
 Um amigo, o outro amigo
 Expõe-se ao azar da sorte,
 E, bem certo do perigo,
 Como refem se offerece,
 Até que o amigo apparece.

XXI

Sahe do carcere e no prazo
 O condemnado eis que volta,
 E a respeito deste caso
 Dyonizio dos labios sólta :
 — Feliz de mim se consigo
 Fazer-me terceiro amigo ! —

XXII

Exclamação tão pungente
 Proferida assim de chofre
 É indício do que sente,
 É symptoma do que soffre
 Das entranhas no escaninho
 Este monarcha mesquinho.

XXIII

Como engana-se quem julga
 Deitado em leito de rosas,
 Sem persevejo nem pulga,
 Sem as insomnias calmosas,
 O grão-senhor dos despachos,
 Dos cortezãos ou capachos !

XXIV

Quero olhar antes de tudo
 O reverso da medalha,
 E, digna de serio estudo,
 Não me escape pela malha
 Esta anedota, que adrede
 Veio cahir-me na rêde.

XXV

De Damocies testemunho
 Merece o melhor conceito,
 Por ter da verdade o cunho,
 E nada ter de suspeito ;
 Si aspirou á realeza,
 Hoje avisado a despreza.

XXVI

Si ouro ou prata muito vale,
 Desses metaes não faz conta,
 Nem ha manjar que o regale ;
 Pois da espada a aguda ponta,
 Por um fio menos grosso,
 Lhe pende sobre o pescoço.

XXVII

Outr'ora teve desejo
 De governo e magestade,
 Confessa agora sem pejo
 Que ambicionar mais não ha de
 Estulto subir tão alto
 Pondo a vida em sobresalto.

XXVIII

Aurea se diz com acerto
 A sobria mediocridade ;
 Ella evita muito aperto,
 Foge de muita maldade,
 E vive ás mil maravilhas
 Sãa e salva de armadilhas.

XXIX

Feliz o homem que se alegra
 No bemfazer ao amigo,
 Nem exceptua da regra
 Seu figadal inimigo,
 Mostrando que não se exime
 Do preceito tão sublime.

XXX

A paz então faz morada
 No coração livre de odio,
 E, por este modo, nada
 Vem affligi-lo, nem póde-o,
 Pois todo aquelle que é manso
 Por premio tem o descanso.

XXXI

Feliz o homem que se humilha,
 Por exempção de soberba ;
 Da soberba é sempre filha
 A doença mais acerba,
 Da qual si existe remedio,
 O soberbo nunca pede-o.

XXXII

É a humildade saude,
 E gozo peremne d'alma ;
 É sympathica virtude,
 Que alheios odios acalma,
 E tira oportunidades
 A muitas rivalidades.

XXXIII

Feliz quem segue os conselhos
 Ou dictames da justiça,
 E, quando a justiça dê-lhos,
 Refreando a vil cubiça,
 Os cumpra, da lei escravo,
 Sem appello nem agravo.

XXXIV

Esta fiel observancia
 Agros pezares adoça,
 E, boa mésinha da ancia
 Que no espirito faz mozza ;
 Traz alivio, dá conforto,
 Transporta a seguro porto.

XXXV

Feliz mortal que é sectario
 Da liberdade sensata,
 E, qual reliquia em sacrario,
 Reverente a adora e acata ;
 Pois, embora seja humana,
 Do ser Divino ella emana.

XXXVI

Obedece deste modo
 Aos evangelhos do filho,
 Homem Deos, *puro amor todo*,
 Nosso guia pelo trilho
 Do respeito á Divindade,
 E commum fraternidade.

XXXVII

Feliz aquelle que súa
 No trabalho e na lavoura,
 E, á noite ao clarão da lua,
 Não se peja nem desdoura
 De levar sobre a cabeça
 A lenha com que se aqueça.

XXXVIII

Tem nas mãos asperos calos,
 Effeitos da fouce e enxada ;
 Porém, para compensa-los
 Consciencia calejada
 Não é justo que se chame
 A de quem o ocio desame.

XXXIX

Feliz aquelle que longe
Do borborinho e tumulto,
Anachoreta, ou qual monge,
No retiro presta culto,
Com intenção a mais pura,
Ao autor da creatura.

XL

Nem o estampido da guerra
Assusta o sancto Eremita,
Porque elle não da terra,
Onde só seu corpo habita,
Repousando toda a mente
No seio do Omnipotente.

XLI

Dirigindo humilde prece,
Murmurando psalmo e psalmo,
Emquanto o mundo endoudece,
Elle está tranquillo e calmo,
Na esperança da partida
Desta para melhor vida.



EPIGRAMMA

Por que é que *Brasil* se chama
O torrão da patria minha ?
É porque cada um chega
A *brasa* á sua sardinha.



POLITICA OU PELOTICA

Um dos partidos
Defende o throno,
Sceptro e corôa
Do regio dono.

Mas o outro enxerga
Males e damno,
E até se inculca
Republicano.

Mudem-se as scenas,
Gozos, vantagens,
Vereis mudadas
Suas linguagens.

Já não defende
Aquelle o throno,
Sceptro, corôa,
Nem regio dono.

Nem o outro enxerga
Males e damno,
Nem mais se inculca
Republicano.

Si variarem
Gozos, vantagens,
Inda varião
Suas linguagens.

Tenha o Governo
Boa tarracha,
Que os patriotas
São de borracha.



O CHARUTISTA

Até à vista
De gente limpa
O charutista
Vai, e se chimpa.

É na presença
De gente honesta
Peor doença,
Cousa molesta.

O homem polido,
Por mais que faça,
Vê-se aturdido
Pela fumaça.

Inquieto e triste
Escarra e tosse,
Porém persiste
O outro na posse.

E só pergunta
A toda a roda
Que ahi está juncta,
Si os incommoda ?

« Ora essa é boa !
Eis a resposta,
« Sua pessoa
« Não nos desgosta ! »

E o mal-criado
Não avalia
Que é tolerado
Por cortezia.

Elle asqueroso
Máo cheiro exhala,
E exclue o gozo
De qualquer sala.

A quem elle ama
Produz enjôo,
Da pobre dama
Eu me condôo.

Por gosto impuro
Queima fedores,
E, vil monturo,
Requesta amores.

A moça linda
Amar não pôde
A um tal que ainda
Torce o bigode,

Sem recordar-se
De que na coma
Sabe aninhar-se
O ruim aroma.

Si a uma bella
Caricias pede,
Merece della
Quem tanto fede ?

Ella não soffre
Este basbaque
Sem muito enxofre
Ou Labarraque.



EPIGRAMMA

Pretende ser despachado
 Barão de nome pomposo
 Um estúpido chapado,
 E de antemão tem o gozo.

Vai consultar ao compadre
 Si lhe assente e bem lhe fique,
 Ou por outra, si lhe quadre
 Ser barão de Xiquixique.



EPIGRAMMA

Houve tempo em que o talento
 Era uma certa moeda,
 E hoje ainda se arremeda
 Esse antiquado valor.

Ganha-se o premio por cento,
 O milagroso dinheiro
 É o talento verdadeiro,
 E seja o mais como fôr.



AS FALCATRUAS DE AMOR

AO EXM. SR. CONSELHEIRO JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO,

AUTOR DA GRINALDA OVIDIANA.

Amor, é falso o que dizes;
Teu bom rosto é contrafeito.
(N. TOLENTINO.)

Arredem-se assumptos biblicos !
Meu Castilho, isto é mania,
Que me aquece a phantasia,
E me exaspera o furor ;
Canto em estylo de fabula
As falcatruas de amor.

O tal rapazinho trefego,
Que tem a venda nos olhos,
Despede frechas a molhos,
Que certeiras vão ferir,
E pesca em rêde de astucias
O insensato que o seguir.

Tem odorifera logica,
 Syllogismo saboroso,
 Produz ineffavel gozo
 Um seu ditinho de mel;
 Porém depois o malevolo
 Nos enche a boca de fel.

Rolão cascatas de lagrimas
 Por virgineas lindas faces,
 Quaes por canteiros de alfaces
 Do regador aguas mil.
 ¿ Quem fez correr tanto liquido,
 Que póde encher um barril ?

Foi golpe do sagittario,
 Que não o dá que não toque,
 Pois até mesmo o bodoque,
 Elle o sabe manejar :
 Ou pellota ou setta aligera
 Nunca desvaira no ar.

—Éco—certa Nympha chama-se,
 Que, por desdem de *Narciso*,
 De todo perdendo o siso
 No retiro feneceu.
 Farpada setta lethifera
 Do alvo peito lhe pendeu.

Devorada pelo incendio
 Foi no tempo antigo Troia !
 ¿ Quem engenhou a tramoia
 Que teve o desfecho máo ?
 Amou um filho de Priamo
 A mulher de Meneláo.

O eximio vate de Mantua
 Conta o caso acontecido
 Á infeliz Sidonia Dido,
 A viuva de Sicheo !
 Cupido fingido Ascanio
 Todo esse enredo teceu.

Que foi fazer a Collacia
 De Tarquinio o filho joven ?
 Que justas razões o movem,
 E o conduzem para alli ?
 Os encantos de Lucrecia
 O tornáo fóra de si.

As choradeiras, a labia
 Do poeta de Pelignos
 Não sabem fazer benignos,
 Os Deuses em prol do réo.
 ¿ Quem foi que ao sonoro Ovidio
 Em calças pardas melteu ?

Mão de Mestre agora trança-lhe
 A mais brilhante grinalda
 De preciosa esmeralda,
 Do fulgurante rubim ;
 Mas nem por isso entre os barbaros
 Deixou de ter triste fim.

Transparentes ares toldão-se,
 E murchão viçosas flôres,
 Porque da morte os horrores
 Padece a candida Ignez !
 De tão innocente victima
 Quem o carrasco se fez ?

Os exemplos são innumeros,
 E grande a somma de factos,
 Para prova dos máos tratos
 Que amor quasi sempre dá.
 Seu bodoque tão malefico
 Que destróços não fará !



PARABOLA

O PEÃO CAVALLEIRO.

Dizem que certo sujeito
Chegando a obter um cavallo,
Procedeu com pouco geito
Quando tentou cavalga-lo.

Um máo effeito seguio-se,
E lhe trouxe menoscabo ;
Pois o tal sujeito vio-se
Com a cara para o rabo.

Voltado assim de focinho
Para as estranhas paragens,
Faz queixumes ao vizinho
Contra a impericia dos pagens.

São estupidos, diz elle,
 Não virarão bem o bruto ;
 Fustiga-los-hei na pelle,
 Hão de colher esse fructo.

.

Na politica de nomes,
 Ainda peor que a peste,
 Ainda peor que as fomes,
 Ha muito facto como este.

Anda a pé um democrata,
 E os cavalleiros apupa ;
 Mas, pelos calos da pata,
 Ambiciona uma garupa.

Elle emfim se encarapita,
 Ou no cavallo se escancha ;
 Mas se a sorte o felicita,
 Não lhe lava toda a mancha.

Ou por escarneo da sorte,
 Ou por artes do diabo,
 Agulha para ruim norte,
 Volta a cara para o rabo.

Como hoje é *seu todo o mundo*,
Hoje todo o mundo applauda
O cavalleiro jocundo
Com o rosto para a cauda.

Corrido elle de si mesmo
Pela scena que apresenta,
Dá esporadas a esmo,
E as surriadas aguenta.

Não o accuse qualquer homem,
De incoherencia e de abalo,
Antes pela rédea tomem,
E lhe virem o cavallo.

Se tem para a frente as costas,
Como arlequim ou palhaço,
Suas vistas estão postas
Na cauda e fim do espinhaço.

Dos *impossiveis* a crença,
Que póde ser, por injusta,
Um dos aleives da imprensa,
A muitos peões assusta.

Fazem calculos e conta,
E assentão que é grã loucura
Andar-se a pé, se outro monta
Em boa cavalgadura,

D'aqui vem a concurrencia,
 E muita gente cavalga,
 Bom grado acceita excellencia,
 E quer passar por fidalga.

Um emprego lucrativo
 Traz comsigo seus regalos,
 É o melhor lenitivo,
 É o melhor dos cavallos.

Se o ex-peão, cavalleiro
 Para a cauda volta o rosto,
 O palhaço chocarreiro
 Tambem assim faz por gosto.

Se é ridicula a postura,
 Não faltará quem applauda ;
 É do palhaço a figura
 De focinho para a cauda.

Apezar de lucros varios,
 Quaes do palhaço as vantagens,
 Mette as botas nos sectarios
 Que lhe servirão de pagens.

Como se a culpa recáia
 Sobre quem culpa não teve
 Nas surriadas, na vaia
 Que é punição a mais leve.

São estúpidos, diz elle,
Não virarão bem o bruto ;
Fustiga-los-hei na pelle,
Hão de colher esse fructo.

Estou firme no meu posto,
E, qual rocha, não me abalo ;
Virado não está meu rosto,
Sim a cauda do cavallo.

Esta é a caricatura
De qualquer fidalgo novo,
Que em sua cavalgadura
Já não é filho do povo.

E como Grande do Imperio,
De casaca pelo avesso,
Alvo de chasco e dicterio,
É cavalleiro de gesso.

Barbacena, 22 de Fevereiro de 1863.



A PROBIDADE INCOMPATIVEL

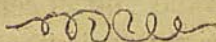
—Ao entrar a pobreza pela porta
Pela janella foge a probidade—
Nos diz o adagio em fôrma de sentença !

Aqui ha preconceitos, e reclama
E protesta a moral té certo ponto ;
Pois, segundo o direito que ella firma,
Ha communhão de bens em caso urgente.

Inda que outro annexim o não consigne,
Parece bem provado e quasi certo
Que, se a riqueza vem pela janella,
Ausenta-se a virtude pela porta.
Isto sim, isto é facto incontestavel,
Que a moral não desculpa, assaz reprova.

Um homem que se préza de ser probo,
 Exactissimo em conta de patacas,
 De cruzados, tostões, e meias *dobras*,
 Dá a Deos o que é de Deos, concede a Cesar
 O que a Cesar se deve por direito ;
 E tem horror ao cheiro de azinhavre
 De um só vintem que seja cobre alheio.
 Assim procede em quanto seus haveres
 O collocão na justa mediania.

Se por um dos estupidos caprichos
 A fortuna lhe entrega somma grossa,
 Embora os meios fossem tortuosos,
 Soffrão lá quanto soffrão na indigencia
 Os orphãos, a viuva despojada
 Da herança que era sua, e lhe usurpárão,
 O homem que foi tão probo, hoje na posse
 De tanto cabedal que lhe não cabe,
 Fica surdo, não póde dar ouvidos
 Ao clamor dos escrupulos molestos.



EPIGRAMMA

Um sabio viajante nos descobre
Thesouros de riquezas européas,
E, para confundir nossas idéas,
Refere maravilhas de renome !

Só se esquece que o pobre
Lá entre essas grandezas morre á fome !



TURBA MULTA

Stultorum infinitus est numerus.

I

O numero dos tolos
 Vale como o infinito, não tem conta;
 Assim, não devo pô-los
 Em linha para ver a quanto monta.

Por simples desenfado
 Vou fazer collecção mui resumida,
 Qual de arêa um punhado
 Quem somma, grão por grão, de balde lida.

Porque no fim de tudo
 Muita parcella igual por essas praias,
 Fôra de calc'lo e estudo,
 Da arithmetica excede as amplas raias.

Na milicia dos parvos
 Eu, e tu, nós, vós, elles, temos praça ;
 Não deveis enfadar-vos,
 Se este rol vos abrange, vos abraça.

Tenha aquelle alto posto,
 Aquell'outro será soldado raso ;
 Mas isto inda supposto
 A regra não destrõe, nem vem ao caso.

II

Ha concurso de povo
 Causando na policia alguns abalos ?
 O que haverá de novo ? !...
 Duello encarniçado de dous gallos !

Os bipedes se ferem
 Até correr o sangue pelas cristas,
 E outros bipedes querem
 Gozar da scena, grata a suas vistas.

Applausos que não parão,
 Mil bravos, vivas mil, palmas e palmas,
 Que os ultimos soltarão
 Provêm da insensatez de suas almas.

Naquelle ajuntamento
 Ou cardume de taes espectadores
 Um bom recrutamento
 Era cabido a toque de tambores.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

III

Viajou pela Europa
 Um fofô Brasileiro, e com proveito ;
 Pois, se acaso nos topa,
 Nos dá provas de estolido perfeito.

Esqueceu nossa lingua
 Por ter andado longe, ha uns seis mezes,
 E, na penuria e mingoa,
 De interprete o criado faz-lhe as vezes.

Desconhece iguarias,
 Insipidas que nunca elle as cobiça,
 E, usando algaravias,
 Pergunta como chama-se a linguaça.

Não póde demorar-se
 Neste paiz de bugres, terra inculta,
 E já nem por disfarce
 A supina ignorancia nos occulta.

Aqui não ha vantagem,
 Diz elle, não se vive, se vegeta!
 Pois bem! Tem a passagem
 Mui franca, vá-se embora esse pateta.

Mas antes que se ausente
 Para viver na terra onde se vive,
 De asno leve a patente,
 E assim melhor se instrua e se cultive.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

IV

São rapidas as modas
 E ha quem lhes acompanhe o veloz curso;
 Bem apuradas todas
 Não merecem as honras do discurso.

Diferença de clima,
 Grão diverso entre os frios e calores
 Não se avalia ou estima,
 Que a moda não aceita aferidores.

Se *além* resiste ao gelo
 O grosso *cache-nez* de curtas malhas,
 Deve assiduo trazê-lo
 Quem móra do Brasil nestas fornalhas.

Muito insensato estuda
 As côres dos pintados figurinos,
 E a cada passo muda
 As casacas de pannos os mais finos.

E nunca se desmancha
 Ou renova-se a gola, ou mesmo as abas ;
 Não se utiliza a ensanचा,
 Porque tu, fresca moda, o menoscabas.

Fazenda sempre nova,
 De mór preço, mór lustre, e menos dura
 É testemunho e prova
 Do gosto que se esmera e que se apura.

Esse tempo é remoto,
 Esse dia de nevoa já não raia.
 Em que ao sobrinho roto
 A tia fez um fraque de uma saia.

Hoje um rapaz sem rendas,
 Á custa do bom pai que o facilita,
 Veste caras fazendas;
 São de Havana os charutos que elle pita.

E só por uma destas,
 Em honra e desaggravo do bom senso,
 Devem trazer nas testas
 Pais como aquelle um T bem largo e extenso.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrones valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

V

Uma pedrinha leve
 De tres, de quatro, ou cinco, ou seis oitavas
 Por seculos esteve
 Nas entranhas da terra, antes das cavas.

Depois foi apanhada
 No meio dos garimpos ou das minas,
 E é hoje avaliada
 Em milhares de libras esterlinas.

E ha nobre que despenda
 Por um só diamante sem ter jaça
 Boa parte da renda,
 Que antes desse de esmolas ou de graça.

O nome deste nobre,
 Que compra esse cascalho, ponho em lista,
 E nego que lhe sobre
 Juizo, ou que o bom senso nelle assista.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

VI

Aquelle sóbe a serra
 Se tu, quando o encontrares, não lhe deres,
 Inda que alheio á guerra,
 Um posto, pelo menos o de alferes.

Fica então todo cheio,
 Quando lhe dás um titulo mais alto ;
 Gozando tal recreio,
 Aceita promoções assim de salto.

E o mais é que o despacho
 As formulas legaes assaz dispensa!
 Deste tolo tão baixo
 Perdôe-se a ambição, por ser doença.

Seja emfim reformado,
 Mas o posto jámais ninguem o negue
 Ao ficticio soldado,
 Porquanto nenhum damno d'ahi segue.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estullicia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

VII

Quer dançar dez quadrilhas
 Este moço, e por isso enfia as luvas;
 Faz comprimento às filhas,
 E às mãis que são casadas ou viúvas.

Tanta pilhéria e chiste
 O cortez cavalheiro então vomita,
 Que tu inda não viste
 No fallar tanta perola bonita.

Tudo, tudo é dislate,
 E tudo heterogeneo paradoxo,
 E vê que não te mate
 O riso, que abafado te faz roxo.

No ligeiro intervallo
 Da monotona insulsa contradança
 E um optimo regalo
 Escutar dos dialogos a trança.

Elle pergunta á dama
 Se não sabe *nadar*, se não tem calma,
 Se é verdade que o ama,
 Se no altar de Hymenêo quer dar-lhe a palma.

Quando ella vai sentar-se,
 Elle offerta-lhe um calice de vinho,
 E não pôde faltar-se
 Tragando airoso o ultimo restinho.

Bebendo assim, deseja
 Descobrir deste modo algum segredo,
 Ainda que bem veja
 Que o lindo par não tem de que ter medo.

Com cara de fuinha
 De sério se reveste, se apavona,
 Chama á filha—*Doninha*—
 Á mãe da pobre moça—*Bella dona*.

De espiritos tão finos
 Se do baile os salões têm provimento,
 Taes parvos genuinos
 Se alistem no infinito regimento.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

VIII

N'uma eleição de aldêa
 Prestante cidadão pedincha os votos,
 Serviços alardêa,
 Que só lhe negão vesgos e canhotos.

Um rival lhe disputa,
 E contesta o direito que o abriga,
 Trava-se emfim a luta,
 E a plebe generosa a peito briga.

Porém quanto ella ganha
 Nesta guerra cruel de candidatos?
 Quanto lucra na sanha
 Que a leva a praticar mil desacatos?

Debalde se inimisa,
 E só por escolher outros senhores,
 Sem distincta halisa,
 Sem haver differença nas taes côres.

Da eleição os athletas
 Que sabem esgrimir por cousa pouca
 Inserevão-se patetas
 Na turma pertinaz da gente louca.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

IX

Encontrando um amigo
 A quem não tenho visto, ha muitos dias,
 Boas palavras digo,
 Por cumprir o dever das cortezias.

Tens noticias do primo?
 Como vai de negocio e de saude?
 Sinceramente estimo
 Que prospera a fortuna sempre o ajude.

Tive-as pelo paquete,
 Eis que responde o amigo a quem pergunto,
 E em seguida repete
 Da carta recém-vinda todo o assumpto.

Em tudo quanto disse
 A epistola que o primo lhe enviára
 Immensa parvoice
 E nada mais se lê, nem se depara.

É bem e assaz notavel
 O *post-scriptum* que vem no fim da carta,
 Tal, e tão disfructavel,
 Que a gente põe-se a rir, e não se farta !

Em resumo, o parente
 Afim de que aos estolidos o ajuntem,
 Envia ingenuamente
Lembrança aos que por elle aqui perguntem.

E est'outro que recebe
 Uma incumbencia tal, sem que a rejeite,
 Parece-me que bebe,
 Crendo ser agua, um cópo bom de azeite.

Ambos estes papalvos,
 Esta parelha de asnos tão estulta,
 Do riso sejam alvos,
 Visto serem do numero que avulta.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

X

É homem de cidade
 Aquelle que alli vês, limpando o fato ;
 Posto que não lhe agrade,
 O verniz enlamea do sapato,

É que elle não se ageita
 Às perneiras de mal curtido couro,
 E indocil não acceita
 Costumes que lhe trazem o desdouro.

Mil grandezas da côrte
 Exalta e eleva aos dous cornos da lua,
 E não duvida pôr-te
 De rastos da amargura pela rua.

Atira-nos á face
 As faltas que descobre em nossa casa,
 Nada vê que o não *masse*,
 E, lingua viperina, tudo arrasa.

Candura e singelesa

Que ao bom provinciano augmenta o brilho
 Desdenha e menospreza
 O que só tem de côrte o ser casquilho.

Põe-se do espelho em frente,
 De puro macassar unta as guedelhas,
 E alisa docemente
 Espessas e arqueadas sobranceiras.

Porém que vale o asseio,
 Tanto esmero na untura do cabello,
 Se o *petit-maitre* é meio,
 Quero dizer, pedaço de camello?

Dos ditos que profere
 Não se tira um bom mote que se glose,
 D'ahi ninguem espere
 De maxima ou sentença a menor dóse.

Portanto está no caso
 De tornar-se um audaz cabo de esquadra,
 Que estulto deixe raso
 Aquillo que entre nós lhe bem não quadra.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XI

Ancião que já conta
Setenta, oitenta, ou mais algum Janeiro,
Ao cabelo que aponta
Esfrega os negros pós de sapateiro.

Mas renova-se a alvura,
E o velho que está proximo da campa
E desce á sepultura
Semelha um animal de raça *pampa*.

Quão dignas de respeito
São as cans do enrugado octogenario !
O amigo do direito
Ao fatuo que se pinta não compare-o.

Pois este quando sua,
Escorre-lhe a foligem pelo rosto,
E o mandão á tabúa
As moças em que as vistas tinha posto.

A um tal cupido velho,
Figura por demais carnavalesca,
Dou gratuito conselho
De aggregar-se á infinita soldadesca.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XII

Não soffre miopia
 Este que anda ocioso pela praça,
 Provido ao meio dia
 De uns oculos que dizem ser vidraça.

Mostra boa figura
 E, por ser o maior dos parvoalhos,
 Conserva uma moldura
 E vidro para ornar os seus bugalhos.

Faz acinte à cegueira,
 E chama sobre si algum castigo ;
 Mas desculpem-lhe a asneira,
 E as tropas infinitas dêem-lhe abrigo.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XIII

Humilde sacerdote,
 Assiduo folheador do breviario,
 Sabe evitar o bote,
 Por mais que o máo espirito prepare-o.

Vira as costas ao mundo,
 Porque o mundo fallaz tambem virou-lh'as ;
 Crava em si o injocundo
 Cilicio que no ventre lhe faz bolhas.

Junta provas e abonos,
Lovas de ouro, e não luvas de camurça
 Promette a seus patronos,
 Se a graça lhe conseguem de uma murça.

O tal *desideratum*
 Emfim tem alcançado o meu bom padre,
 E aceita o *consumatum*,
 Diverso do que entende a Santa Madre.

Ei-lo todo vermelho
 Nos fórros, alamares, e nas orlas ;
 Cáhe-lhe até o Joelho
 Um caixo pesadissimo de borlas.

Arregada a batina,
 Mostrando as meias rubras mostra a perna,
 Com litúrgia latina
 Psalmos entôa á gloria sempiterna.

Tu, padre, que confundes
 As mundanas vaidades e o *memento*,
 Resa teu—*De profundis*—,
 E sejas capellão do regimento.

Cobre tua corôa
 De raso solidéo, deixa o barrete;
 Caridoso perdôa
 Do audaz Garret o critico motete.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XIV

Por tralhas ou por malhas
 Atcançou um lugar no parlamento
 Nescio que come palhas,
 Ao paladar idoneo mantimento.

Refervem os projectos
 Com p'rigo de explosão, dentro do casco ;
 Falla em muitos objectos,
 Despreza alguns apartes e algum chasco.

Já trazia de orelha
 Discurso de encommenda para a estréa,
 Papagaio semelha,
 Que diz e do que diz não tem idéa.

De espirito bem fraco,
 De um ar menos garboso e estylo feio,
 Arremeda o macaco,
 Hediondo macaco no meneio.

Nā ante-sala transige,
 Pede um favor exempto de registro,
 Para um irmão exige
 Despacho que depende do Ministro.

Se este concede a cousa,
 Bem mostra o deputado o fio ao panno,
 E até impudente ousa
 Louvar esse character Espartano.

Se o Ministro recusa
 Annuir ao pedido, elle se afasta,
 E formalmente o accusa
 De indigno de occupar aquella pasta.

Não sei se devo pô-lo,
Depois que tenho feito este retrato,
Como ladino ou tolo?!
É esperto de esperteza sò de rato.

Tem desse bicho o instinto,
Pois o rato não pensa nem discute,
E o meu heróe distincto
Não o excede, por mais que se repute.

Se trata da barriga
Este nobre e eloquente Deputado,
Estupido é quem briga
Sustentando o velhaco aparvalhado.

O eleito e os eleitores,
Estolidos de especies differentes,
Aos rufos de tambores,
Recebão continencias e patentes.

Engrossem-se as fileiras
Dos esquadões valentes da estulticia,
Tremolem as bandeiras
De sua universal forte milicia.

XV

No gozo do direito
Que a lei fundamental lhe bem garante
Pacífico sujeito
Da justiça tem sido sempre amante.

Foi victima de affrontas
De um alto funcionario deste Imperio,
Resolve tomar contas
E obter a punição do vituperio.

No tribunal supremo
Apparece uma queixa comprovada,
Mas de certo não temo
Ver condemnado réo naquella alçada.

Perdõe-se o paralelo,
Se comparo o queixoso a um simples bobo ;
Foi por demais singelo
Suppondo que matasse o lobo ao lobo.

Quem ainda acredita
Na efficacia das leis contra os magnates,
Soldado sem guarita
Exponhasse da pulha aos disparates.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XVI

Costume inveterado,
 Que entre nós e na Europa inda se observa,
 Parece derivado
 Da selvatica ou barbara caterva.

São as duas orelhas
 De innocente eriança perfuradas,
 Para trazer parellhas
 De brincos ou pendentés arrecadas.

Tal moda tão infame
 Indica estupidez e sobre tudo
 Persuade que se ame
 O trambolho que traz o botocudo.

De nescios tão vulgares,
 Que dão apreço a taes futilidades,
 Innumeros milhares
 Recrutem-se nas villas e cidades.

Engrossem-se as fileiras
 Dos esquadrões valentes da estulticia,
 Tremolem as bandeiras
 De sua universal forte milicia.

XVII

Basta, cesse a colheita,
 Que é tão facil quando ha tanta abastança;
 E quem nos mares deita
 Ou subtrahe gota d'agua pouco avança.

Demonstrei bem a these
 Porque havia a granel provas e provas,
 Posto que assaz me pèse
 Ter tratado este assumpto em duras trovas.

O numero dos tolos
 Vale como o infinito, não tem conta;
 Assim não devo pô-los
 Em linha para ver a quanto monta.

Por distrahir a idéa
 Fiz esta collecção mui resumida,
 Qual punhado de arêa
 Quem somma, grão por grão, debalde lida.

Para que não se percão
Tão boas vocações á parvoice,
Aos tolos que nos cercão
Irei dizendo o mesmo que já dice :

Engrossem-se as fileiras
Dos esquadões valentes da estulticia,
Tremolem as bandeiras
De sua universal forte milicia.



PARABOLA

HEROES PINTADOS.

Ha pinturas excellentes
 E bellissimos paineis,
 Que apresentão combatentes
 Coroados de laureis.

Nos guerreiros desenhados
 Os dous extremos achaes,
 Uns não passam de soldados,
 E os outros são generaes.

.
 A mesma regra se observa
 Para quem vai se assentar
 Nos bancos dessa caterva
 Que se diz parlamentar.

E quem ahi por acaso
Fará notavel papel,
Se não é soldado raso
Ou mais do que coronel?

A modesta mediania
Raramente sobresáe,
Da pintura a analogia
Muito a proposito cáe.



EPIGRAMMA

Requer, pede com instancia
Um patriota moderno
A protecção do governo
A prol de sua eleição.
Para que melhor alcance-a
Mui diversos meios tenta,
E por titulo apresenta
Toda a sua *abnegação*.



PARABOLA

A LIGA.

O ouro que sáe das minas
Não traz a menor liga ,
 Nem de cobre
Vestigio se descobre.

Porém não é possível
Que o ouro sem mistura
 De azinhavre
Ou se cunhe, ou se lavre.

Elle seria inutil ,
Não obstante a pureza ;
 Posto em obra
É que o valor lhe sobra.

.

Qualquer partido sincero ,
Ou de intenção a mais pura ,
Que seja util não espero
Sem o seu *que* de mistura.

Se ao ouro de altos quilates
Dá consistencia o azinhavre ,
Contra a *liga dos debates*
A sentença não se lavre.



A Semana Illustrada.

A boa caricatura
Dos vicios é correctivo ,
Sob feia catadura
Os desenha bem ao vivo.

É, pois , util a Semana,
Além de ser *illustrada* ;
Lição proveitosa emana
De tal satyra pintada.



EPIGRAMMA

Emquanto o ruim patronato
Dispozer de todo o emprego ,
Emquanto durar o apego
Do thesouro ás boas postas ,
Soffreremos desacato
Em nossas praias , no porto ,
E o Brasil andar torto ,
Trazendo *albardo s costas.*



CAVACO

Si musa negat...

I

Se hoje a musa não me ajuda,
 A ironia traça os versos,
 E, bem munido de arruda
 Contra miasmas dispersos,
 Vou lançar *timbó* nas aguas
 Para os *sapos* terem mágoas.

II

Fallo em sentido translato
 Porque a falla se dirige
 Ao leitor de fino tacto,
 Que facilmente collige,
 Sem á cabeça dar sócos,
 Quaes são esses bixarôcos.

III

Ou, se o querem sem rebuço,
 Quem nada bom produzira,
 E, analphabeto inconcusso,
 Dos bons cuidados se tira,
 E ao letrado dá sopapo,
 A esse é que eu chamo *sapo*.

IV

A palavra aqui trazida
 Algum jogador a emprega
 Contra a ineptia presumida
 Do mirão que affirma e nega
 Á tóa, e por desafogo
 Reprova a marcha do jogo.

V

Peço emprestada a figura
 Ao jogador eloquente
 Em prol da litteratura
 Que no Brasil se resente
 Da influencia tão funesta
 Do censor que tudo infesta.

VI

Às vezes quasi me inclino
 Á falsa metempsyose,
 Às vezes quasi imagino
 Possivel metamorphose,
 Divisando entre pessoas
 Roncadores de lagôas.

VII

Inda que atirem-me a luva,
 Não quebrarei seu encanto;
 Taes barometros da chuva
 Expressão no hediondo canto
 Que o problema de Colombo
 Cae-lhes direito no lombo.

VIII

Reprovem o que está feito,
 Não indicando outra fôrma,
 Digna de serio conceito;
 Querendo servir de norma
 Nos fação lembrar de novo
 Como equilibra-se um ovo.

IX

Mas tudo que d'ahi parta,
 Tudo quanto elles redigem,
 Censurando livro ou carta,
 Conserve o cheiro da origem,
 Ostente de todo o modo
 As impurezas do lodo.

X

De pedantes uma roda,
 Sociedade commandita,
 Arcadia de fresca moda,
 Cuida que desacredita
 O poeta que se arroja,
 Não sendo filho da loja.

XI

Dos encomios a barganha
 É commum entre os da *sucia*,
 Mas tão conhecida manha,
 Ou tão corriqueira astucia
 Um grão de sal ainda bota
 Nesta chistosa anedota:

XII

Dous homens de bem conheço
 (Um certo a um certo dizia)
 E, com licença que peço,
 Um é vossa senhoria!!
 Agora reflecta, veja,
 E julgue o outro quem seja!

XIII

Está visto, ora essa é boa!
 Responde logo o segundo,
 E qual pregoeiro atrôa
 As cinco partes do mundo:
 Quem, senão vosmecê ha de
 Igualar-me em probidade?!

XIV

As obras do poeta vivo
 Um philologo das duzias
 No seu estylo incisivo
 Uma por uma reduz-as
 A pó, a cinzas, e a nada,
 Logo á primeira pennada.

XV

Elle emfim sómente approva
 Poesias de defunto,
 Porque ao poeta na cova,
 Como lhe indica o bestunto,
 Approvação holorenta
 Póde servir de agua benta.

XVI

Dos talentos da Colonia
 Desenha bonito quadro ,
 Porque *labor vincit omnia* ;
 Dos cemiterios e do adro
 Resuscita vãos expectros ,
 Que nos dão lições de metros.

XVII

Não pede aos vizinhos traste ,
 Não procura exemplos fóra ,
 Apresenta por contraste
 Um que , excedendo os de agora ,
 Disse em phrase zombeteira
 — *Sabbado fez quinta-feira.* —

XVIII

Lembrança tão espirituosa ,
 E adubada de atticismo ,
 Dá com tudo em polvorosa ;
 Das profundezas do abysmo
 Arranca o fecundo genio ,
 Sem que o bom gosto condemne-o.

XIX

Se ao marfim braços opacos
 Poeta de hoje compára ,
 A censura fa-lo em cacos ,
 Achando incoherencia rara ,
 Porque o vate aos dedos finos
 Ousa chamar *crystallinos* !

XX

Dos Timbiras o autor soffre
Uma analyse prolixa ,
Bem pensada e não de chofre ,
Porque monotono fixa
N'uma syllaba constante
O assento predominante !

XXI

Entre nós quem é poeta
Encontra desses tropeços ,
E recebe muita seta
De maldizentes e avessos ,
Que nada mostram de parcos
Nem de justos Aristarcos.

XXII

Não sabe onde tem a cara
O litterato fedelho ,
Que do estudo desertára,
E pretende ser espelho,
E norma , e padrão , e mira
Ao poeta que se inspira.

XXIII

Em sustentar o absurdo
Emprega tanto descoco,
Que póde ao surdo mais surdo
Ensurdecer mais um pouco ,
De sorte que sejam petas
As acusticas trombetas.

XXIV

Se algum dia um tal basbaque
 Com fumaças de erudito
 Me fizer qualquer ataque,
 Sem formulario nem rito
 Hei de manda-lo á tabúa,
 E pô-lo no olho da rua.

XXV

O censor despiedoso
 Profere pessimas notas,
 E, por despeito ou por gozo,
 Vai mettendo logo as botas
 No vate que não se dobra
 Quando escreve qualquer obra.

XXVI

Do demerito vem nome,
 Do demerito vem fama,
 E é por isso que consome
 Um templo, entregando-o á chamma,
 O distincto mentecato
 Celeberrimo Erostrato.

XXVII

Muito heróe, digno da tuba,
 Restaura a proesa insana,
 Em phantasia derruba
 Novos templos de Diana,
 E parvo acceita os desdouros
 De justiceiros vindouros.

XXVIII

Talvez por ser vesga a inveja,
 Sem tramontana, sem rumo,
 Cá debaixo este apedreja
 O sublime genio a prumo,
 Embora a pedra que solte
 Contra a cabeça lhe volte.

XXIX

Ainda assim não desiste
 De arremeçar para cima,
 Pois essa gloria tem chiste
 Que aos estolidos anima,
 E toleima como a sua
 Só do cão que ladra á lua.

XXX

¿ Se o sacerdote de Apollo,
 Dando á luz primores de arte,
 Leva pedrada e carolo
 Todo o tempo e em toda a parte,
 Deve o critico ser meigo
 Para o versista que é leigo ?

XXXI

Assim pois, se acaso apanho
 Meia duzia de gilvazes,
 Eu nem por sombras o estranho,
 E, sempre disposto a pazes,
 Confessarei, para obtel-as,
 Ser de Phebo o *apaga-velas*.

XXXII

Dos antigos e modernos
 Qual é o alumno das musas
 Que merece abraços ternos,
 Ou benevolas escusas,
 Se rende culto á verdade
 E ataca a immoralidade?

XXXIII

Commummente um bigorriha
 Analyza e dá preceitos,
 Desmorona toda a pilha
 De imaginarios defeitos,
 E ordena que os escriptores
 Recolhão-se aos bastidores.

XXXIV

Isto acontece na vida,
 Antes que a morte succeda ;
 Depois a sentença é lida,
 E a injustiça então se arreda ;
 Mas não pôde ao asno morto
 A cevada dar conforto.

XXXV

Ser louvado sob a lousa,
 Já surdo ao serodio encomio,
 Não ajuda a quem repousa ;
 Sepultado a terra come-o,
 Insepulto engorda e nutre
 O corvo, o faminto abutre.

XXXVI

Tem partidistas o vicio ,
 E sectarios dedicados ,
 Que no constante exercicio ,
 Por mal de nossos peccados ,
 Como se ella fosse pulha ,
 Mettem a satyra á bulha.

XXXVII

O satyrico entretanto
 Debaixø de certas regras ,
 Pondo as pessoas ao canto ,
 Fustigando as acções negras ,
 É missionario que ensina
 Saluberrima doutrina.

XXXVIII

Quando a critica apparece
 Indecente e sem criterio
 O sobrenome merece
 De infamatorio dichterio ,
 E o critico que nos julga
 Døe-nos como døe a pulga.

XXXIX

Da censura o disparate
 É cousa sem cruz nem cunho ,
 Embora, porém, não mate
 Por valentia de punho ,
 O censor *jaraticaca*
 As pobres ventas ataca.

XL

E que nariz tão sadio ,
Ainda cheio de semonte ,
Póde aguentar o bafio
De tão asquerosa fonte ?
Soffre o maior desacato ,
E desarranjo no olfato .

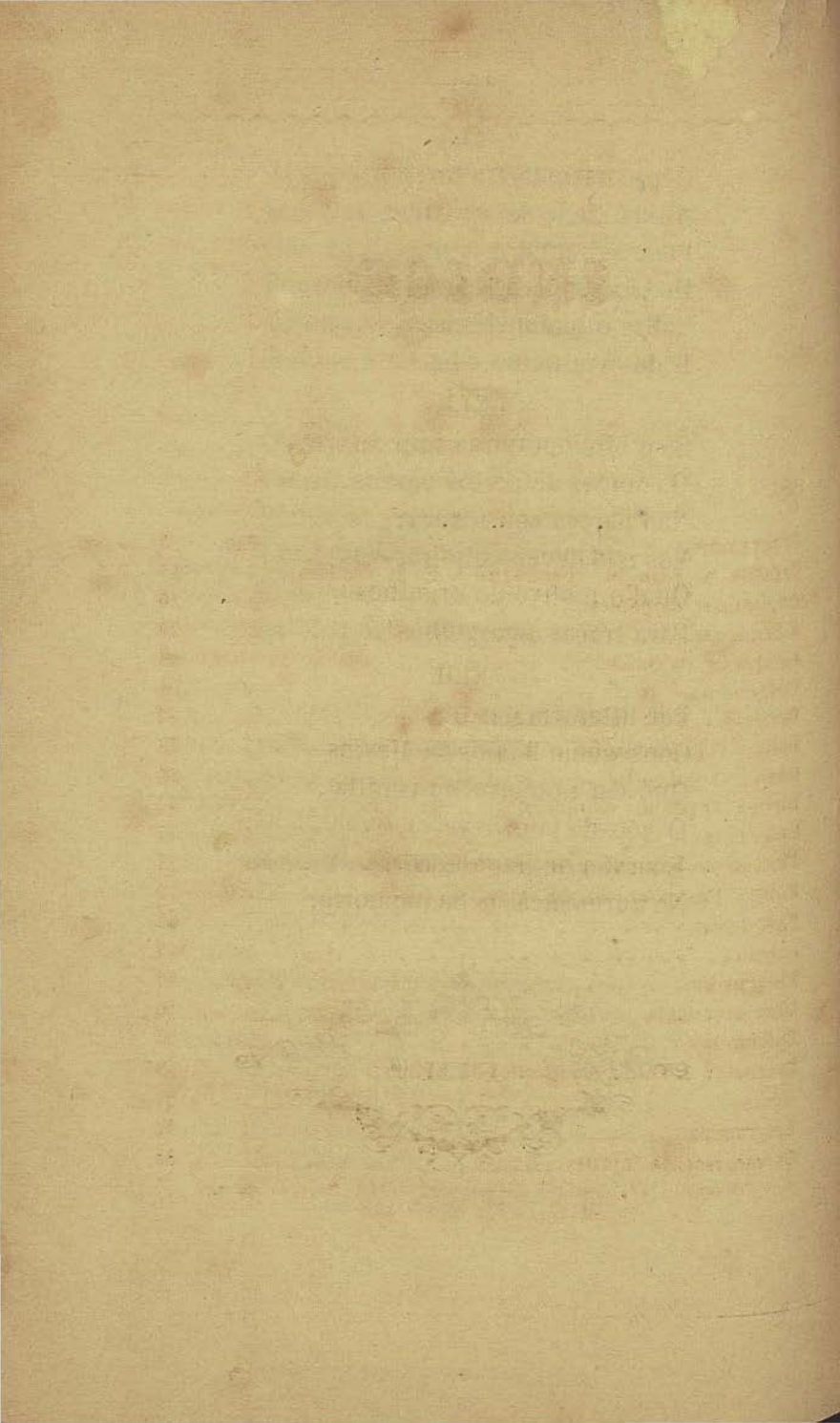
XLI

Se o bibliographo exara
Os nomes de certos parvos ,
Não pareça cousa rara ,
Vós não deveis admirar-vos !
Qual o motivo de orgulhos
Para traças e gorgulhos !

XLII

Por litteraria desdita
Conseguem Bavios ou Mevios
Que seu nome se transmitta ,
O vôo da fama leve-os,
E sirvão de lixo e escoria
No aureo alcáçar da memoria .





INDICE

Programma.	Pag.	5
Epistola ao Exm. Sr. conselheiro J. F. de Castilho		15
Os sentidos corporaes		26
A imprensa.		28
Parabola : Os Quatis.		29
Epigramma.		31
Parabola : A queimada e os gaviões		32
Idem : O passarinho		35
Idem : O jambo		38
Idem : O politico amphibio		40
Epigramma.		42
Testamento solemne com que falleceu Judas Escariotes		43
Pulha : Pascoa no dia de cinza		50
Epigramma.		51
Supplica.		52
Epigramma.		55
Uma necrologia		56
Epigramma.		58
Parabola : A Perdiz e o Ticotico do campo		59
Hymno		62
Epigramma.		64
Os recursos da injuria		65

INDICE.

	Pag.
Epigramma	67
Parabola : O Tamanduá	68
Origem divina.	70
Epigramma	72
Idem	73
Idem.	74
Parabola : Os Tucanos	75
Epigramma	78
Traducção do hymno de S. Thomaz	79
Desculpa.	81
Parabola : O pregoeiro e orador	83
Um dia de annos.	85
Epigramma.	86
Idem	87
Parabola : O Abacate	88
A Felicidade	91
Epigramma	102
Politica ou pelotica	103
O charudista	105
Epigramma.	108
Idem.	109
As falcatruas de amor	110
Parabola: O peão cavalleiro	114
A probidade incompativel	119
Epigramma.	121
Turba multa	122
Parabola: Heroes pintados.	146
Epigramma	148
Parabola: A Liga	149
A Semana Illustrada.	151
Epigramma.	152
Cavaco	153